



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Geraldo Teixeira, Marcelo; Santana Braga, Julio; César, Sandro Fábio; Kiperstok, Asher
O ARTESANATO DE RETALHOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GIRAL GRANDE

Afro-Ásia, núm. 44, 2011, pp. 219-246

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77022104006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



O ARTESANATO DE RETALHOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GIRAL GRANDE*

*Marcelo Geraldo Teixeira***

*Julio Santana Braga****

*Sandro Fábio César*****

*Asher Kiperstok******

A comunidade de Giral Grande, localizada na área rural do município de Maragojipe, no Recôncavo Baiano, pertence a um aglomerado de pelo menos dez comunidades quilombolas registradas na região, sobrevivendo do comércio de produtos de agricultura de subsistência e artesanato, que são vendidos em comunidades próximas e também nas feiras de Maragojipe. Está em processo de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, através da ação político-social do governo do estado da Bahia. Entretanto, apenas essa ação do Governo não garante aos moradores de Giral Grande o necessário para minimizar os demais problemas sociais, a exemplo do saneamento.

A situação político-jurídica vivida atualmente pela comunidade de Giral Grande relaciona-se, diretamente, com as determinações con-

* Este artigo é parte da minha tese de doutorado do programa de Engenharia Industrial – Desenvolvimento Sustentável de Produto – PEI-UFBA.

** Professor de Design Industrial da Faculdade da Cidade de Salvador - Doutorando em Engenharia Industrial – PEI-UFBA.

*** Professor do Departamento de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual de Feira de Santana.

**** Professor do Departamento de Construções e Estruturas da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

***** Professor do Departamento de Engenharia Ambiental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.



tidas no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, que, ao estabelecer critérios para o reconhecimento dos direitos territoriais às comunidades quilombolas, introduziu um conteúdo jurídico para a compreensão do significado ao termo quilombo nos dias atuais.¹ Esse significado jurídico, aliado ao político, oriundo das formas de organização social dos grupos negros que reivindicam a posse e a estabilidade nas terras que ocupam, desde tempos recuados, passa a exigir reformulações quanto ao conceito histórico de quilombo, utilizado pela historiografia tradicional.

Baseado na antiga concepção, elaborada pela sociedade escravista, de que os agrupamentos de escravos fugidos constituíam quilombos, o conceito tradicional já não atende à compreensão atual dessa realidade sociocultural.² Portanto, neste trabalho será utilizado o significado do termo “quilombo”, proposto pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), segundo o qual “[quilombos] consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio”.³ Quanto ao significado de Comunidade Quilombola, será seguido o que estabelece o Art. 2º do Decreto nº 4.887/2003, que regulamenta o Art. 68 da Constituição Federal, segundo o qual:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.⁴

Essas definições permitem entender que o conceito de Comunidades Quilombolas não somente se refere às afrodescendentes, tanto

¹ Eliane Cantarino O'Dwyer. “Introdução”, in Eliane Cantarino O'Dwyer (org.), *Quilombos: identidade étnica e territorialidade* (Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002), p. 18.

² Silvia Hunold Lara, “Do singular ao plural. Palmares, capitães do mato e o governo dos escravos”, in João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (orgs.), *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), p. 96.

³ Lara, “Do singular ao plural”.

⁴ Brasil, “Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003”, Brasília, 2003, <<http://ccr6.pgr.mpf.gov.br/legislacao/legislacao-docs/quilombola/decreto4887.pdf>>, acessado em julho de 2010.



Figura 1 - Mapa da localização do município de Maragojipe

Fonte: Desenho do autor, a partir de: Brasil, Mapa Rodoviário da Bahia, Ministério dos Transportes DNIT. 2002; IBGE. Mapa político do estado da Bahia. 2010.



rurais como urbanas, que preservam o patrimônio cultural dos seus ancestrais como forma de manter a sua sobrevivência cotidiana e a sua identidade, mas também às negras que resistem socialmente e lutam por essa sobrevivência.

A luta pela legalização da posse da terra é tida, pela literatura, como um dos maiores esforços das comunidades quilombolas quanto a questões da sua sobrevivência e da preservação de seu patrimônio étnico-cultural. As terras onde elas se localizam, além de ser um fator de coesão entre seus indivíduos, por morarem no mesmo lugar, são, principalmente, um dos constituintes de sua identidade e da sua história. Contudo, a posse da terra só foi garantida, por lei a partir da Constituição de 1988, Lei nº 7.668, que diz no Art. 68 das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.⁵

Entretanto, apenas a posse da terra não resolve os problemas da pobreza e da falta de recursos sociais e econômicos. Como exemplo, os estudos realizados no estado de São Paulo, que comprovaram a baixa qualidade sanitária em territórios quilombolas.⁶ Nesse cenário, a maioria das comunidades quilombolas tem uma economia básica e de subsistência, na qual se produz para o próprio consumo e/ou para pequenas atividades comerciais locais, com o uso de recursos técnicos pouco desenvolvidos. Desse modo, o artesanato aparece, frequentemente, como uma alternativa, tanto para suprir necessidades da comunidade, quanto para a venda de produtos com valor cultural agregado.

Os produtos artesanais fazem parte da cultura tradicional, visto que, muitos dos conhecimentos, comportamentos e saberes que se manifestam são originários dos antigos quilombos e se constituem em elementos de construção da sua identidade.⁷ A manutenção e a preserva-

⁵ Brasil. “Constituição Federal de 1988”, Brasília, 1988, <<http://www.alep.pr.gov.br/system/files/corpo/Con1988br.pdf>>, acessado em julho de 2010.

⁶ Tito Cézar dos Santos Nery, “Saneamento: ação de inclusão social”, *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50 (2004) <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a28v1850.pdf>>, acessado em junho de 2010.

⁷ Carmen Pousada, “O Brasil dos artesãos”, in Joice J. Leal (org.), *Um olhar sobre o design brasileiro* (São Paulo: Ed. Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005), p. 39.



ção dos saberes tradicionais – e, portanto, a identidade quilombola – compõe, por conseguinte, um dos principais fatores para o reconhecimento do direito à legalização da terra, pois a identidade cultural se torna seu elemento de comprovação. A valorização do artesanato, assim, pode ser considerada como uma opção que reforça a cultura, como também uma oportunidade para o aumento da renda.

Este artigo tem como objetivo geral apresentar alguns aspectos do patrimônio cultural da comunidade de Giral Grande, através de características do artesanato de retalhos, atividade que produz roupas, acessórios da vida cotidiana e enxovals de cama. Pretende-se, primeiramente, traçar os seus perfis geográficos, históricos, populacionais e econômicos. Em segundo lugar, caracterizá-la como uma comunidade quilombola, a partir do discurso dos seus próprios membros, apresentando o artesanato de retalhos como atividade que assegura a agregação de pessoas em torno da cultura local, descrevendo alguns produtos, sua forma de elaboração e os significados a eles associados, uma vez que fazem parte do contexto da identidade local.

A relevância deste trabalho está diretamente relacionada à necessidade de registrar o artesanato de retalhos como um componente de destaque da cultura de Giral Grande, e seu papel como elemento da identidade cultural local. Esse artesanato é a síntese das práticas e dos significados simbólicos que remetem a outros tantos saberes coletivos, desenvolvidos pela comunidade, constituindo-se, desse modo, fator de identificação, coesão e autorreconhecimento dos seus membros.

O artesanato produzido por Giral Grande participa não só do autorreconhecimento da comunidade quilombola, mas também se constitui um fator de identificação e reconhecimento por outras pessoas que estão fora dela. É o olhar do outro convergindo para a construção da identidade. Essa, então, é considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação, construída a partir da sua relação com o outro.⁸ A partir da explicação desses autores, pode-se concluir que a tomada de

⁸ Ricardo Franklin Ferreira, *Afro-descendente: identidade em construção*, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2000, p. 47.



consciência da identidade quilombola, preservada ao longo de gerações, alcança visibilidade política no momento histórico da promulgação da Constituição de 1988, que garantiu o direito da posse da terra àquelas comunidades.

A consciência de uma identidade que integra os membros do grupo social é de fundamental importância, para que o mesmo possa se enquadrar nos dispositivos constitucionais que passaram a garantir às comunidades, ditas remanescentes de quilombos ou quilombolas, direitos territoriais presentes na Constituição Brasileira de 1988.⁹ Nesse sentido, a análise desenvolvida por O'Dwyer destaca, dentre outras questões, a autoatribuição de uma identidade básica e mais geral que, no caso das comunidades negras rurais, costuma ser determinada por sua origem comum e sua formação no período escravista.¹⁰

Este estudo fundamenta-se no método da Pesquisa Etnográfica Qualitativa, que tem como pré-requisito o distanciamento e a não intervenção na comunidade abordada, sendo considerado o mais adequado para a descrição de uma cultura, de grupos ou de minorias sociais, tal como a comunidade quilombola de Giral Grande.¹¹

A justificativa para a escolha da pesquisa etnográfica é baseada na preocupação do investigador em minimizar a interferência nos processos de criatividade e produção local. Ela será limitada a atividades de observação e descrição, recolhendo dados a partir de entrevistas, levantamento fotográfico e coleta de amostras do artesanato de retalhos.¹² A entrevista semiestruturada será baseada na escolha do entrevistado, definido a partir da representatividade do assunto abordado e que está relacionado ao indivíduo/membro de uma determinada comunidade que expressa suas concepções, crenças, práticas e expectativas do todo a que pertence. Esse “ser representativo” funciona como um

⁹ O'Dwyer, “Introdução”, p. 13.

¹⁰ O'Dwyer, “Introdução”, p. 16.

¹¹ Arilda S. Godoy, “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”, *RAE Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3 (1995-a), pp. 20-9.

¹² Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma, “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”, *Em Tese*, v. 2, n. 1 (2005), pp. 68-80, <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf> , acessado em agosto de 2010.



microcosmo de um estrato social inteiro, uma amostra de um conteúdo partilhado de forma espontânea pelos demais componentes daquele segmento da sociedade, que expressa tanto as singularidades como as generalidades de seu entorno.¹³

Caracterização da comunidade quilombola de Giral Grande

A comunidade quilombola de Giral Grande, como mencionado anteriormente, pertence ao município de Maragojipe, localizado no Recôncavo Baiano, a 133 quilômetros de Salvador. O município tem uma população estimada em 41.000 habitantes, aproximadamente, e 436 km² de área da unidade territorial, distribuída entre a sede e os seis distritos: Coqueiros, Guaí, Guapira, Capanema, Nagé e São Roque do Paraguaçu.¹⁴ Segundo depoimento dos moradores da cidade, a primeira ocupação humana do município foi feita por volta do século XVI, por uma tribo indígena pertencente à etnia Aimoré, que denominou a região de “Marag-gyp”, que significa “vale ou rio dos mosquitos”, devido à infestação dos manguezais da região por tais insetos.¹⁵ A Figura 1 apresenta a localização do município de Maragojipe no Recôncavo Baiano, tendo como referência a proximidade da cidade de Salvador e a Baía de Todos os Santos.

O Recôncavo Baiano pode ser considerado como o ponto de partida do que se entende como identidade baiana, e é atribuída aos habitantes negros do local a origem e/ou a preservação de manifestações culturais regionais, a exemplo do samba de roda, a Irmandade da Boa Morte, a capoeira dentre outras.¹⁶ Manifestações culturais importantes são hoje reconhecidas como patrimônio imaterial regional e nacional, tal como o samba de roda, que foi reconhecido pela UNESCO em 2008.¹⁷

¹³ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 26-7.

¹⁴ IBGE, *Estimativas de População*, 2009, <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>, acessado em abril de 2010.

¹⁵ Marcelo Geraldo Teixeira *et alii.*, “Fantasias de carnaval, permanências e rupturas”, *IARA Revista de Moda, Cultura e Arte*, v. 3, n. 1 (2010), <www.iararevista.sp.senac.br/arquivos/noticias/arquivos/104/.../pdf2.pdf>, acessado em setembro de 2010.

¹⁶ IPHAN, *Samba de roda do Recôncavo baiano*. Brasília, IPHAN, 2006.

¹⁷ UNESCO, “The Samba de Roda of the Recôncavo of Bahia”, <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?RL=00101>>, acessado em agosto de 2010.



A presença de quilombos na região de Maragojipe é registrada desde 1713, numa área que abrangia também os atuais municípios de Cachoeira, Muritiba, e São Bartolomeu.¹⁸ Essas pessoas, escravos fugidos das fazendas e engenhos de cana-de-açúcar próximos, eram inicialmente andarilhos que frequentemente se fixavam em locais de difícil acesso, como forma de autoproteção, formando as primeiras comunidades de quilombos da região. O sucesso das várias tentativas de destruir esses grupos e capturar os escravos fugidos, neles refugiados, pode ser considerado mínimo. Esses antigos quilombos são provavelmente os antepassados das comunidades quilombolas da região de Maragojipe, incluindo a comunidade hoje denominada Giral Grande.

Giral Grande localiza-se nas cercanias de Maragojipe e faz parte de um complexo de dez comunidades quilombolas, totalizando 550 famílias, assim denominadas: Guaruçú, Guerém, Tabatinga, Girau Grande, Baixão do Guá, Salamina, Enseadinha, Quizanga, Porto da Pedra e Fazenda Dendê. Elas são organizadas principalmente por grau de parentesco, com seus membros morando próximos, em pequenas vilas, sem muita distância uma da outra. Giral Grande é cercada por vegetação litorânea, com a presença de manguezais. O acesso é feito a partir de estrada asfaltada e trecho sem pavimentação. A Figura 2 mostra a paisagem natural nas suas cercanias, a vegetação litorânea característica da região e o acesso através da estrada de terra.

De acordo com o depoimento dos membros da comunidade, essa foi formada com a união de escravos fugidos das fazendas de cana da região e descendentes de índios, que habitavam o local.¹⁹ Ocuparam, então, um antigo engenho de cana-de-açúcar, atualmente denominado pelos quilombolas como “Fazenda dos Guedes”. O nome “Giral Grande” é conhecido desde a ocupação desse engenho pelos ancestrais da comunidade e, segundo esse mesmo depoimento, o substantivo “giral” significa posto de observação, colocado em um lugar alto, o que facilitava a tarefa de vigiar os capitães do mato, milícias policiais comuns na

¹⁸ Pedro Tomás Pedreira, *Os quilombos brasileiros*, Salvador: SMEC, 1973, pp. 87- 8.

¹⁹ Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.



Figura 2 - Paisagem natural nas cercanias da comunidade.
Estas fotos e as seguintes são de Marcelo Geraldo Teixeira.





época dos quilombos, destinadas à fiscalização e à captura de escravos fugidos. Portanto, o nome “Giral Grande” foi associado, pelos seus antigos habitantes, a um posto alto de vigilância, refúgio e resistência.

Giral Grande é formado por um conjunto de casas, distribuídas em uma colina, com uma casa principal e outras a seu lado e em seu quintal, como pode ser visto na Figura 3. Tal comunidade quilombola é formada pela família Calheiros, composta por, aproximadamente, 30 pessoas de todas as faixas de idade. A casa principal abriga aproximadamente 15 pessoas. Os demais moram nas casas vizinhas, dentre os quais, a responsável pelo artesanato de retalhos.

A área da frente das casas é de terra batida e solo arenoso, servindo como acesso à estrada de terra de ligação a Maragojipe. Nos fundos da casa principal, erguem-se as instalações das atividades artesanais e de subsistência, como a plantação de mandioca e legumes, a fabricação de farinha de mandioca e o apiário.

Quase a metade das casas da comunidade é de adobe, e o conhecimento de sua fabricação para a construção das casas artesanais é valorizado pelos moradores como parte da cultura local. O barro para a confecção dos blocos é retirado dos quintais das casas, amassados e moldados com formas de madeira, como mostrado na Figura 4.

Muitos moradores cuidam e preservam as casas de adobe de forma sentimental, principalmente os mais velhos. Há uma manifestação de afeto com essas casas, reforçada pelo fato de muitas terem sido construídas pelos pais ou avós, há mais de 40 anos. Mas, apesar disso, tais casas apresentam problemas, a exemplo da concentração de animais perigosos, principalmente, escorpiões e barbeiros, que se escondem nas frestas dos blocos. Para enfrentá-los, está em curso o projeto da ONG Pastoral da Terra, que prevê a substituição de todas as casas de adobe por outras de alvenaria, sem custos para os moradores da comunidade.

Entretanto, segundo o depoimento, com a chegada das casas novas e da energia elétrica, começaram a ser alterados antigos hábitos locais, gerando uma preocupação com a perda de práticas tradicionais da comunidade, tais como o uso de fogão à lenha e o candeeiro a gás. “Isso vai se perder, uma parte da cultura. Os meus netos não vão ver mais casas de adobe, nem o fogão de lenha, nem o candeeiro. Minha



Figura 3 - Giral Grande: casa principal e suas vizinhas, construídas de adobe e alvenaria, fotografadas em setembro de 2010.





filha não viu o candeeiro, e ela já está com dez anos”, apesar do reconhecimento por todos os quilombolas dos benefícios importantes que tais mudanças trarão.²⁰

Os membros de Giral Grande sobrevivem da agricultura de subsistência, cultivo de legumes e raízes, da coleta de mariscos nos mangues e no estuário do rio Paraguaçu, dentre outras atividades, para o consumo próprio. Já o mel e a farinha de mandioca produzidos no local, além de serem voltados para o consumo, também são vendidos nas feiras de Maragojipe, o que gera uma renda importante. As instalações de produção de farinha de mandioca e mel ficam em área separada, nos fundos.

Essas atividades envolvem quase todos os moradores e também os das demais comunidades da vizinhança, quando necessário, segundo depoimento dos próprios. Os trabalhos feitos em mutirão, característica de comunidades quilombolas rurais, como a produção de farinha, são exemplos do espírito comunitário, de solidariedade e reciprocidade, que envolve quase todos eles, que fica em evidência no local.²¹

A comunidade de Giral Grande se diz católica praticante. Isso se deve à presença e à atuação do catolicismo no histórico da região. Também afirma não cultuar religiões de descendência africana, muito embora venere santos e práticas influenciadas por religiões afrodescendentes, tais como São Cosme e Damião e Santa Bárbara, que são reverenciados tanto pela religião católica, quanto pelas afrodescendentes, tal como foi dito em entrevista:

Temos os mesmos costumes de rezar, de cantar, de dançar, de fazer o caruru. [...] Quando se fala que vamos fazer um caruru, um samba de São Cosme, o pessoal diz que isso é do ‘diabo’ e temos firme que isso não é do ‘diabo’ coisa nenhuma. [...] Nós rezamos em todas as comunidades, nós somos rezadores, meu avô era rezador e a gente herdou essa coisa dele, rezamos São Cosme, Santa Bárbara, o santo que se quer rezar, a gente reza.²²

²⁰ Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.

²¹ O’Dwyer, “Introdução”, p. 19.

²² Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.

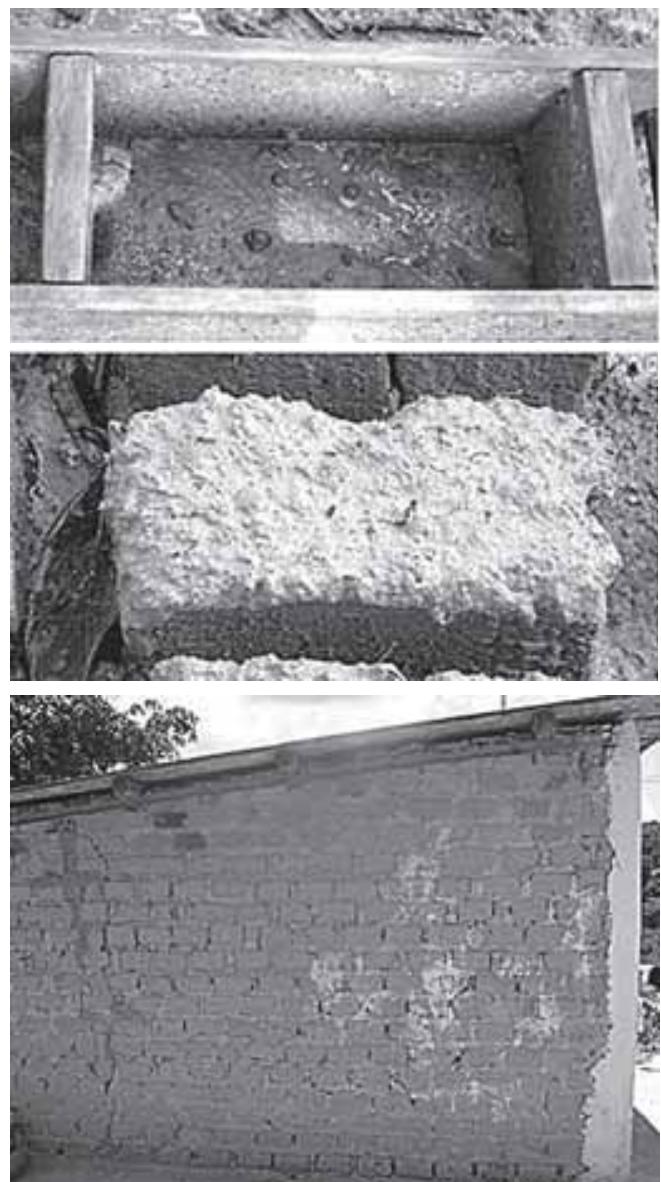


Figura 4 - Parte das etapas de fabricação de blocos de adobe e casa de adobe finalizada.





Algumas das atividades econômicas e culturais de Giral Grande, a exemplo da produção do mel e da farinha e da demonstração da religiosidade de influência católica, são mostradas através da figura 5:

Um problema considerado grave, que ainda não tem solução prevista, é a falta de legalização da posse da terra, que, como visto anteriormente, afeta a maioria das comunidades quilombolas no Brasil. Os de Giral Grande afirmam que, devido à falta dessa posse, há a influência negativa dos donos quanto ao seu uso e à construção de casas. Essa condição levou ao êxodo alguns quilombolas para Salvador, em busca de melhores condições de vida. Segundo depoimento dos moradores da comunidade, o simples projeto de construção de novas casas, como o que está atualmente ocorrendo lá, cria uma expectativa do retorno dessas pessoas para a comunidade.

Giral Grande e as demais comunidades vizinhas lutam contra vários fatores sociais desfavoráveis: a falta de um atendimento de saúde, saneamento e escolas próximas são alguns dos problemas que afetam a todos os moradores da região. Mas, o maior de todos eles, ainda, é o preconceito, praticado por outros moradores da região e dos municípios próximos, pelo fato dos habitantes de serem negros e quilombolas. Nas entrevistas, falou-se sobre o sofrimento quanto à rejeição nas escolas, nos empregos e, também, na igreja católica. Isso afeta a vida social, tal como a vida das crianças na escola ou no atendimento nos postos de saúde em Maragojipe, pois, segundo eles, são sempre os últimos a serem atendidos. O depoimento dos Calheiros, registrado em entrevista em 2010, exemplifica os problemas de conviver com crianças de fora das comunidades quilombolas: “Eu sei, tem uma família que não gosta de mim, eu sinto. Tem uma criança que não gosta mesmo de negro e não senta de junto de nenhuma criança preta. [...] Quando a gente estudava, a gente sentava no chão, os negros e os pobres”.²³

Através da etnografia realizada, pode-se afirmar que a sociedade de Giral Grande apresenta vários aspectos culturais presentes em outras comunidades quilombolas: é formada por pessoas de alto grau de pa-

²³ Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.



Figura 5 - Atividades econômicas de subsistência e comercial da comunidade: colmeias sobressalentes do apiário (A) etapa de limpeza da raiz de mandioca na fabricação de farinha (B). Presépio rústico (C) construído com materiais disponíveis nos arredores das casas, as figuras humanas e dos animais são feitas de argila.



rentesco, tais como pais, filhos, irmãos e primos; pratica atividades econômicas de subsistência, com alguma comercial, que agrupa rendimentos financeiros; há a participação dos membros em grande parte das atividades laborais, caracterizando-se, desse modo, como trabalho comunitário quilombola; associada ao território em que está assentada de forma histórica e, sobretudo, são afrodescendentes.

A consciência de pertencimento a uma determinada comunidade e as formas de conservação de suas práticas coletivas constituem-se patrimônio partilhado por todos do grupo. A coesão social daí decorrente explica a permanência de seus membros no território, ao longo de sua trajetória histórica. O caráter político expresso nas formas de organização social na luta pelo reconhecimento do direito à terra tem levado a Comunidade Quilombola de Giral Grande, à semelhança de outras da Bahia em processo de reconhecimento, conforme visto no documentário “Os Quilombos da Bahia”, a expressar de forma mais clara o reconhecimento de sua identidade.²⁴ É o que se depreende do depoimento que se segue:

A família, nós sabemos, veio dos escravos, e antes de se ouvir essa história de quilombos, e para a gente agora isso é novo, por causa da nossa pele negra, éramos excluídos de tudo. [...] Nós sentimos a descoberta nas reuniões, nos encontros. Nós começamos a descobrir que negro também é ‘gente’. Antes agente não percebia, mas agora nós percebemos. Antes agente não brigava contra o preconceito e discriminação. Mas hoje agente briga.²⁵

Depois do autorreconhecimento como comunidade quilombola, o que deve ser considerado uma nova condição, como pode ser observado na fala acima, é que passou a haver um sentimento de elevação de autoestima, que revigorou o de luta e resistência social. Uma das respostas para o preconceito é exemplificada pela escolha das cores das roupas de seus membros, que, em passado recente, eram sombrias, cin-

²⁴ *Quilombos da Bahia*, Filme documentário, direção de Antônio Olavo, Salvador, Portifolium, 2004. DVD.

²⁵ Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande. Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.



za e pretas, mas agora, não há o medo de usar cores vibrantes, como vermelho, amarelo, azul, rosa e outras.²⁶ Pelas as entrevistas com outros quilombolas, percebe-se que há uma valorização dos gostos, dos valores e da subjetividade do local. Por exemplo, uma das manifestações positivas de identidade é refletida no gosto estético quanto à escolha de cores para suas roupas, fato que pode ser considerado como sentimentos escondidos, que agora estão aflorando.

Características e identidade do artesanato de retalhos

O artesanato de roupas, acessórios, enxovais de cama e conserto de roupas usadas são atividades que envolvem poucas pessoas, se comparadas às demais, comunitárias. É um processo de aproveitamento de sobras de tecido, transformando retalhos de baixo valor em produtos para o uso no cotidiano, na forma de vestuário, acessórios, bolsas, mochilas infantis e enxovais de cama. São fabricados com retalhos de tecidos e malhas, que são costurados uns aos outros, usando costura à máquina e/ou manual.

O artesanato de retalhos, como um componente do universo cultural da comunidade, expressa não só aspectos específicos do patrimônio local, tal como a estética e o sentimento de beleza, assim como um fator de subsistência, em vista do papel que ocupa na reunião dos recursos econômicos de Giral Grande.

A artesã Tânia Calheiros, Figura 6, foi identificada como o “individuo representativo” desse aspecto quilombola de Giral Grande. Ao expressar os valores estéticos da comunidade, a artesã torna-se “representativa” de uma parte da cultura local.²⁷ A responsável pela produção em análise, Tânia Calheiros, resume, em si e em seu trabalho, elementos presentes no local, que são sistematizados e reproduzidos nos artefatos; sendo reconhecidos e aceitos pela comunidade como de qualidade e resultado do “bom gosto” da artesã. O gosto é considerado bom, porque alcança sentido, assume significado para a escala de valo-

²⁶ Depoimento de representantes da família Calheiros, 20/02/2009.

²⁷ Ginzburg, *O queijo e os vermes*, p. 27.





res locais. Portanto, a identificação dos componentes estéticos e utilitários dos produtos oferecidos pela artesã expressa valores coletivos, cultivados pela comunidade quilombola, a partir dos quais ela, a artesã, pode ser considerada como indivíduo representativo.

A diversidade de produtos artesanais de retalhos está classificada em quatro grupos, identificados pela artesã como os tipos mais produzidos, vistos nas Figuras 6, 7 e 8. Tal diversificação é fruto tanto da variedade da matéria prima, em cores, texturas e desenhos, quanto da criatividade da artesã.

- **Enxoval de cama:** peças construídas com pedaços retangulares e/ou triangulares, frente simples ou com frente e verso. São colchas de cama, lençóis, fronhas e edredons.
- **Roupas:** atende a todas as faixas etárias, adulto ou infantil, para o público feminino ou masculino.
- **Acessórios:** com formatos variados, para uso adulto ou infantil. Os acessórios vão desde bolsas e mochilas escolares até prendedores de cabelo feitos de retalho e de fuxico.²⁸
- **Pelego:** uma colcha colorida de tiras de retalho, usada para diversos fins, tais l como cobertura de cadeiras, poltronas, assentos de carro e assentos de cela para vaqueiros da região.

Segundo a artesã, o seu interesse pela costura vem da infância, quando fazia as roupas de suas bonecas. Afirma não ter sido um conhecimento herdado por ela, nem aprendido com pessoas de outras comunidades. Para ela, a sua habilidade é “uma coisa espontânea, dela mesma”. Afirma, ainda, que esse interesse foi ampliado com a proximidade com uma antiga moradora da região, que não era quilombola, mas vivia nas imediações da escola na qual estudava e que a influenciou. Mais tarde, quando trabalhava em Salvador, a artesã fez um curso ministrado pela Legião Brasileira de Assistência, que lhe ensinou as técnicas de costura e de modelagem. Essa experiência é citada pela artesã como uma contribuição às suas técnicas, aprimorando práticas já conhecidas e utilizadas por ela. A entrevistada enfatiza seu pendor para a costura como um “dom” pessoal.

²⁸ O fuxico é uma técnica artesanal de confecção de trouxinhas, feitas com sobras de pano, podendo ser aplicadas a roupas, bolsas, adereços, colchas, almofadas etc.



Figura 6 - A artesã Tânia Calheiros, responsável pelo artesanato de retalhos de tecidos da comunidade quilombola de Giral Grande e um edredom, fabricado com retalhos cuidadosamente selecionados pelos seus próprios critérios de cor e textura.





Ao afirmar que a habilidade de costurar não foi herdada, mas foi aprendida por “conta própria”, como quase nata, deve ser observado que a artesã considera, inconscientemente, que só há aprendizado quando ele ocorre sistemático, formal e regularmente na infância e na adolescência. Desconsidera, portanto, espontânea, fruto da interação de seu meio social, dentro do contexto da sua cultura. A forma de aprender assistemática, espontânea e inconsciente, desenvolvida por meio de procedimentos ligados à sua cultura, é interpretada, pela Artesã, como uma “brincadeira”, segundo seu depoimento:

Eu me lembro que eu tinha uns dez anos, eu costurava roupa de boneca para as crianças, para mim e para as minhas irmãs. Eu fazia roupinhas de boneca e gostava muito de costurar. É uma coisa de vocação, eu não sei quando começou, só sei que eu tenho essa coisa de costura comigo desde os treze anos. Com dez anos eu ficava olhando uma senhora costurar, mas já costurava roupinhas de boneca. Não houve influência dos meus pais ou dos meus avós, eu mesmo que gostava de costurar.²⁹

Portanto, o repertório cultural que influenciou a costura de retalhos e que foi construído ao longo da história da comunidade, foi aprendido pela artesã de forma assistemática, possibilitando a concretização da situação atual.

Seus clientes são os próprios parentes de Giral Grande, os moradores das comunidades vizinhas, e também várias pessoas de Maragojipe e dos municípios próximos. Seu principal diferencial, atribuído por eles, é a beleza da combinação das cores e a diversidade de produtos, uma característica que, segundo a artesã, além de agradar é também celebrada pelos seus clientes. Conforme relato da artesã, eles elogiam sempre a qualidade dos seus produtos: “todo mundo gosta do meu gosto, as pessoas dizem: ‘como você faz fica lindo’, ou dizem ainda: ‘pode fazer como você achar melhor, pois confiamos no seu gosto’”.³⁰ Esse é um atributo considerado pela artesã como algo nato, mas os valores de beleza são compartilhados por todos os membros da comunidade e também por outras pessoas.

²⁹ Depoimento de Tânia Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.

³⁰ Depoimento Tânia Calheiros, 13/03/2010.

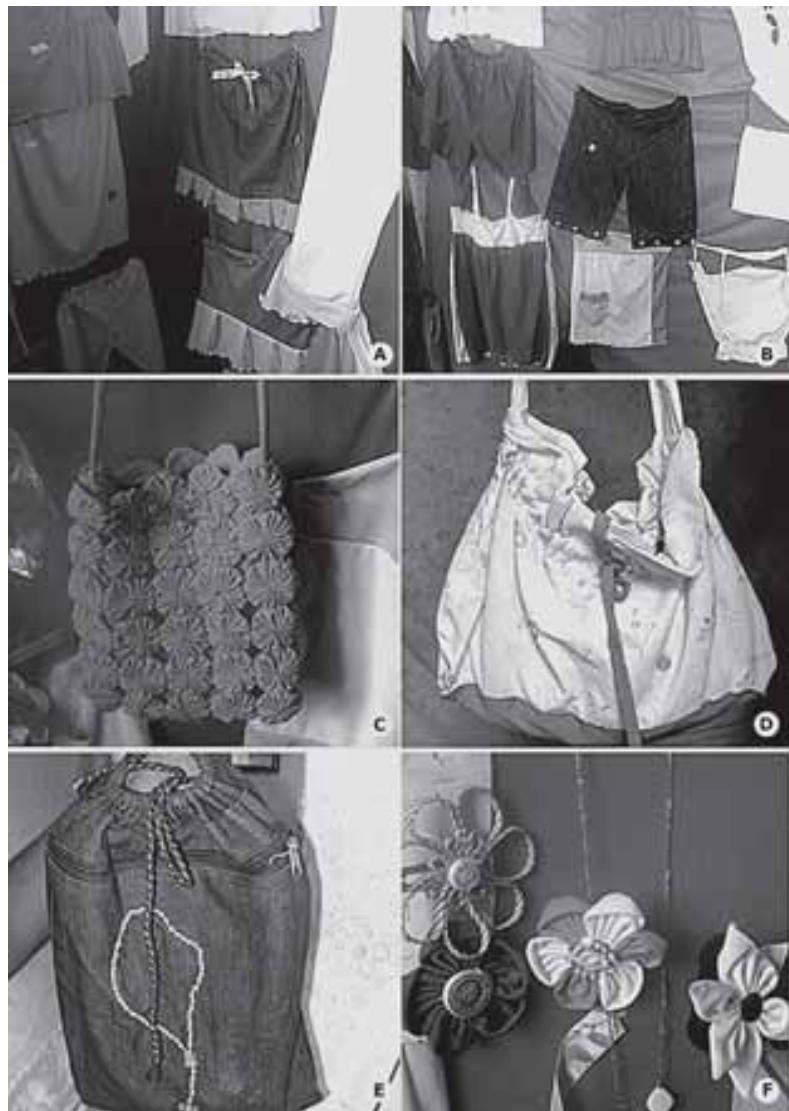


Figura7 - Algumas peças do artesanato com retalhos de tecidos
Roupas para o público adulto e infantil (A e B); bolsa em fuxico
(C); bolsa comum (F); mochila escolar de jeans (E);
prendedores de cabelo de fuxico (F).



A consciência da beleza plástica do artesanato de retalhos, fruto da criatividade da artesã, aprovada e elogiada pelos seus clientes, quilombolas ou não, representa o “gosto” compartilhado pelos membros da comunidade. A artesã, fortalecida pela sintonia com o dos seus clientes, entende que suas peças artesanais expressam a maneira de ser e de ter a afeição de seus companheiros.

Todo mundo gosta do meu gosto, eles falam assim: ‘ah! tá lindo!, tá bom!, tá bonito!’ e acabei descobrindo que eles gostam do que eu gosto. [...] As pessoas acham que eu tenho uma visão de beleza e eu sou uma pessoa que gosta de coisas bonitas, sou vaidosa [...] O sentimento de beleza que eu tenho eu passo para as roupas, para o edredom, para o pelego.³¹

Esse é um fato para ser entendido como um componente essencial da cultura: seu caráter simbólico. Os objetos materiais representam, concentram e contêm significados atribuídos pelos membros de uma sociedade e que simbolizam laços, rituais, compromissos que ligam seus indivíduos e os fazem construir sua identificação. Para a artesã, o produto de seu trabalho é representativo, sim, de um dos componentes da cultura local. Para Tânia Calheiros e os que concordam com ela, os membros da comunidade que aceitam, gostam e adquirem os produtos oferecidos pela artesã expressam sua sintonia com um conjunto de valores utilitários, estéticos e identitários. A comunidade vê o artesanato de retalhos como um “produto seu”, um produto local, aquilo que está em consonância com seu gosto.

O artesanato de retalhos é considerado pela comunidade como uma das expressões do espírito de luta pela sobrevivência e pela inventividade de uma comunidade frente a problemas, gerados pelos poucos recursos financeiros. Exemplifica essa criatividade a associação feita entre o artesanato de retalhos com o processo de reciclagem. É, à primeira vista, apenas uma oportunidade de aproveitamento de sobras de materiais, disponíveis a baixo custo e dentro da realidade financeira da comunidade, o que é confirmado pela artesã, como um material muito

³¹ Depoimento Tânia Calheiros, 13/03/2010.

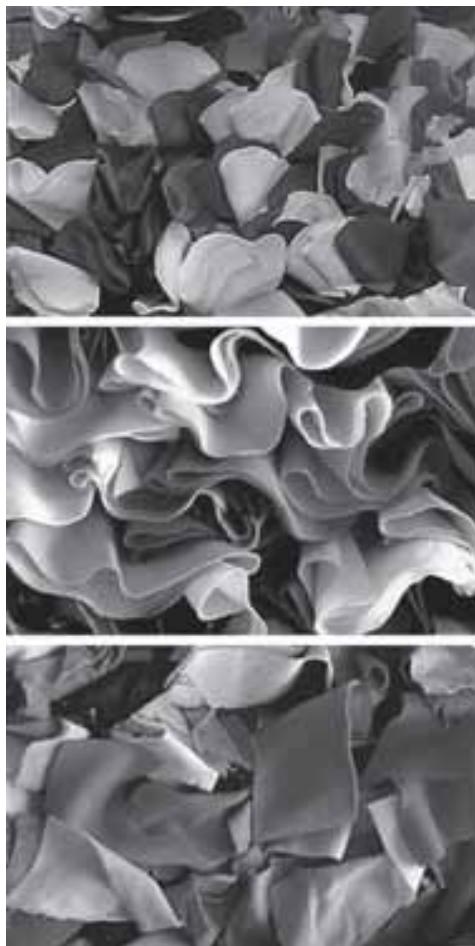


Figura 8 - *O pelego: uma colcha colorida de tiras de retalho, usada para diversos fins, tal como cobertura de cadeiras, poltronas, assentos de carro e, principalmente, assentos de cela para vaqueiros da região. Na sua fabricação são usados apenas os retalhos menores, que, geralmente, são as sobras, na forma de pequenos pedaços de material, da produção das peças dos demais grupos. Os retalhos são recortados em tiras e são costurados a uma base de tecido mais simples até que se forme uma colcha. Apesar de ser um produto simples, a artesã consegue criar várias formas de pelego, tal como os de tiras retas ou os de acabamento arredondado, aumentando ainda mais a diversidade e a variedade do produto.*



mais barato e acessível do que comprar o tecido nas lojas.³² Contudo, o conceito de reciclagem aplicado pelas artesãs ao processo de produção artesanal, embora careça de consistência quanto ao seu significado técnico, é o do aproveitamento dos retalhos como uma maneira de minimizar possíveis preconceitos quanto à origem da matéria-prima, vista por muitos como sobras de baixo custo, e aumentar o valor cultural dos produtos.

É resto de loja, então é mais barato. Todo material que faço é totalmente de reciclado. Quando eu uso os retalhos que vem das lojas das roupas, do que sobra, ainda faço mais algumas coisas. Não jogo fora nenhum pedaço de retalho, faço fuxico, pelego, enchimento de almofada. Quando o produto vai embora daqui, não é mais lixo.³³

O significado da preservação ambiental e da defesa do meio ambiente alcança, na atualidade, diversos segmentos da sociedade. Mesmo algumas comunidades rurais, como os quilombolas de Giral Grande, não estão totalmente isoladas de informações socioculturais, dando condições às suas artesãs de aquisição de um entendimento básico sobre o conceito de reciclagem. No caso de Giral Grande, existe o interesse de valorização dos produtos artesanais, que busca, além de atender ao gosto dos clientes, estar também sintonizado com questões atuais. Ao apresentá-lo como produto ecológico, baseado no seu entendimento de reciclagem, a artesã diz a si mesma e à comunidade que aquele artesanato tem um valor positivo a mais, e tal condição alimenta o sentimento de orgulho pelo que se produz, alcançando, portanto, um papel de representatividade da cultura local.

Do ponto de vista da análise cultural, o que mais importa em relação à reciclagem, associada ao artesanato de retalhos, é o sentido atribuído ao produto e o significado que o mesmo passa a desempenhar para a visão do mundo de seus envolvidos. Mesmo que esse conceito utilizado não esteja sujeito a uma rígida análise, do ponto de vista do material, o resíduo de tecidos, o mais relevante é o entendimento do que a artesã sente, vê e reproduz para as demais pessoas, dentro e fora

³² Depoimento Calheiros, 13/03/2010.

³³ Depoimento Calheiros, 20/02/2009.



da comunidade, com relação a um produto que contém significados por ela considerados imprescindíveis para o reconhecimento da cultura quilombola: o valor estético, o gosto e o valor prestigiado com a associação à reciclagem.

Dessa forma, entende-se que a reciclagem, nesse contexto, é uma maneira de se fazer algo que está sintonizado com o próprio espírito de produção de subsistência, uma das características apresentadas pelas comunidades quilombolas na sua história, ou seja, a reciclagem, na compreensão da comunidade de Giral Grande, faz parte da sua identidade, e se manifesta no artesanato de retalhos.

Ao mesmo tempo, a variedade de cores, desenhos e texturas dos retalhos permitem maiores possibilidades para que o artesanato possa ser moldado de acordo com o gosto do usuário, principalmente no que tange à possibilidade de ser fabricado sob encomenda, o que é considerado um diferencial da artesã, atraindo clientela de fora da comunidade.

A pesquisa de campo, baseada em observação sistemática não participante, em entrevistas não estruturadas, levantamento fotográfico e coleta de material mostrou que o conteúdo cultural quilombola de Giral Grande se manifesta não apenas em conhecimentos tradicionais, passados de geração em geração, a exemplo das casas de adobe e da prática da agricultura de subsistência, mas também na incorporação de novas concepções advindas da circulação de ideias e informações sobre a vida material da sociedade circundante.

Entretanto, o estudo do artesanato de retalhos permitiu o entendimento de um conteúdo cultural mais amplo, mas, ao mesmo tempo, mais sutil: os significados e os valores atribuídos pelos membros de Giral Grande a esses produtos. Algumas características da produção os remetem ao âmago da sua identidade, fator de indispensável reconhecimento e consciência, como já foi ressaltado anteriormente. A identidade quilombola, revelada a partir dessa produção artesanal, assim se expressa:

- **O significado da reciclagem:** coerente com a própria condição quilombola de ter que usar meios alternativos para suprir as necessidades básicas do cotidiano, o reaproveitamento de materiais residuais de baixo custo, na forma do



uso de retalhos, como entendida pela comunidade, reflete e manifesta essa condição. Trata-se de uma maneira de aproveitar o que está disponível e ao alcance do nível financeiro da comunidade. A sua subsistência vem exatamente do encontro de condições econômicas alternativas, reproduzindo antigas práticas de populações de escravos fugidos e seus descendentes, refugiadas em territórios longínquos ou mesmo os localizados na periferia dos centros urbanos da sociedade escravista.

· **O significado estético:** o valor dado à beleza dos produtos artesanais se manifesta através do “gosto” da artesã no momento de seleção de cores, formas e improviso. Esse detalhe na verdade, é uma manifestação compartilhada por todos os quilombolas, o que se encaixa no sentimento de unidade social e de participação coletiva, considerado como uma característica básica.³⁴

· **O significado de luta pela preservação da cultura local:** o uso dos produtos artesanais, assim como a maioria dos feitos a partir de atividades do cotidiano quilombola, como as casas de adobe, o candeeiro a querosene, a farinha, dentre outras manifestações da cultura material, são vistos com carinhoso orgulho pelos integrantes da comunidade. Esse tratamento dado a tais patrimônios fortalece a identidade quilombola. Por sua vez, esta é uma força que os une contra o preconceito circundante e, portanto, é do interesse desses integrantes o fortalecimento e a preservação desse valor.

A consciência desse fator, além disso, aparece como um dado diferencial entre a comunidade quilombola e outras populações afro-descendentes em geral, dado esse de importância relevante para a obtenção do reconhecimento do *status* de “Comunidade Remanescente de Quilombo”, necessário para obtenção dos benefícios previstos na Constituição Federal de 1988.

³⁴ Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho, *Uma história do negro no Brasil*, Salvador / Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais. Fundação Palmares, 2006, p. 120.





Conclusão

A comunidade quilombola de Giral Grande, localizada na área rural do município de Maragojipe, no Recôncavo baiano, é mais uma das muitas que lutam pelo reconhecimento e pela posse das terras que ocupam, um direito garantido pela Constituição de 1988 e que ainda não se efetivou para as mesmas. A identificação de seu patrimônio cultural como tipicamente quilombola e o autorreconhecimento dos seus membros constituem-se elementos indispensáveis para se atingir esse objetivo. Muito embora esses componentes possam parecer óbvios à primeira vista, seu registro e sua caracterização podem ser alcançados mediante a utilização de métodos científicos. O esforço de reconhecimento da valorização da cultura de Giral Grande foi objeto deste estudo, que recortou um aspecto do seu repertório, o artesanato de retalhos de tecidos.

Esta pesquisa teve como objeto o artesanato de retalhos de tecidos, uma atividade que, embora reúna poucas pessoas envolvidas, mostrou elementos representativos da cultura material de Giral Grande. As características encontradas nesse artesanato demonstram que ele, além de ser uma atividade de importância econômica para a comunidade, concentra outros indicadores da identidade cultural: o aproveitamento de recursos disponíveis, tal como os retalhos adquiridos a baixo custo; a manifestação positiva sobre a beleza dos produtos que passa pela visão criativa da artesã e, finalmente, as manifestações sobre a preservação da cultura local são, todas, manifestações já vistas, segundo a literatura, em outras comunidades contemporâneas semelhantes e, principalmente, nos quilombos ancestrais.

Texto recebido em 26/01/2011 e aprovado em 25/04/2011

Resumo

O presente artigo objetiva registrar o artesanato de retalhos de tecido, produzido pela comunidade quilombola de Giral Grande, como um elemento tanto de subsistência quanto de identidade. Giral Grande pertence a um grupo de comunidades quilombolas do município de Maragojipe, localizada no Recôncavo Baiano, e luta pelo reconhecimento e pela posse das terras onde se encontra. A metodologia usada foi a Pesquisa Etnográfica Qualitativa, através de observa-



ção direta não participante e de entrevistas não estruturadas. Concluiu-se que o artesanato de retalhos, além de ser uma atividade econômica importante para a subsistência do grupo, possui fatores e características que comprovam a identidade quilombola de Giral Grande.

Palavras-chave: comunidades quilombolas – artesanato – subsistência – identidade – Giral Grande

Abstract

The aim of this paper is to describe a handicraft made of pieces of fabric produced by the quilombola community of Giral Grande as a element of both subsistence and identity. Giral Grande belongs to a group of quilombola communities in the town of Maragojipe, located in the Recôncavo Baiano, which struggle for recognition and for possession of the land where they live. The methodology used was Ethnographic Qualitative Research with non-participant direct observation and non-structured interviews. It was concluded that the handicraft of fabric pieces, besides being an economic activity for the group subsistence, possesses features which reinforce the quilombola identity of Giral Grande.

Keywords: quilombola communities – handicrafts – subsistence – identity – Giral Grande

